

OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE

RELATO DE CASO DA PRÁTICA NA ESCOLA PORTO NOVO

Michele Gebert¹
Jair André Turcatto ²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo refletir e analisar a importância do Pibid para a nossa formação docente, além da relevância do programa para a concretização dos conhecimentos adquiridos no curso de licenciatura. Além de esclarecermos o que é a alfabetização. As vivências relatadas neste artigo foram efetivadas a partir da observação das aulas nos momentos de acompanhamento das aulas do primeiro ano na EEF Porto Novo – Escola Pública Integral em Itapiranga – SC. Analisaremos as práticas realizadas no decorrer do programa Pibid.

Palavras-chave: Pibid; Alfabetização; Formação docente.

ABSTRACT: This article aims to reflect and analyze the importance of Pibid for our teacher training, in addition to the relevance of the program for the achievement of the knowledge acquired in the undergraduate course. In addition to clarifying what literacy is. The experiences reported in this article were made effective from the observation of the classes at the moments of the first year classes at the EEF Porto Novo - Integral Public School in Itapiranga - SC. We will analyze the practices carried out during the Pibid program. **Keywords:** Pibid; Literacy; Teacher training.

Keywords: Pibid; Literacy; Teacher training.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa esclarecer o que é o PIBID e a importância deste estágio para a formação profissional, apresentando a concepção do programa e as principais habilidades que desenvolvemos a partir disso. Visto que apesar de existirem estágios obrigatórios em cursos de

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI e bolsista do PIBID, michyzinha29@gmail.com

² Doutor em Filosofia, docente do Curso de Pedagogia no Centro Universitário FAI e Coordenador Institucional do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, jair@seifai.edu.br.

licenciatura, o Pibid contribui muito para a formação docente, possibilitando por mais tempo a convivência com os alunos em sala de aula.

Acompanhamos as aulas de turmas da alfabetização, sendo que por estarmos principalmente na turma do primeiro ano relataremos esta experiência. Contextualizaremos o processo de alfabetização e também as metodologias que podem ser utilizadas pela professora titular nesta fase.

Abordaremos as atividades que mais se destacam, abordando atividades de leituras semanais, construção de textos dos diferentes gêneros textuais. Destacaremos as aprendizagens e as possibilidades que tivemos de relacionar a teoria e a prática nos diferentes momentos que acompanhamos as turmas da alfabetização.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 IMPÔRTANCIA DO PROGRAMA PIBID PARA O DESENVOLVIMENTO DA FORMAÇÃO DOCENTE

O Pibid é de acordo com o MEC o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, específico para estudantes de cursos de licenciatura que ingressaram na educação superior através do PROUNI. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) é uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão vinculado ao Ministério da Educação (MEC). Em nossa instituição o PIBID é formado por um Coordenador Institucional, Coordenadora da instituição de ensino Público, além de sete acadêmicas bolsistas.

O Pibid, segundo Noffs e Rodrigues (2017, p.1) é considerado como um “elemento integrador entre teoria e prática na formação dos futuros professores, uma vez que pode proporcionar articulação entre os conhecimentos adquiridos na universidade aos saberes observados no contexto da escola de educação básica.” Visto que ao atuarmos no Pibid nos é proporcionado a articulação entre os conhecimentos científicos aprendidos em aula com a prática escolar.

Noffs e Rodrigues (2017, p.1) apontam que o Pibid possibilita aos “licenciandos de se tornarem sujeitos do processo de formação, o que se faz a partir do aprimoramento do olhar, do questionamento, da curiosidade científica em busca da fundamentação teórica que ilumine a

ação do docente no cotidiano escolar.” Com isso conseguimos nos aprimorar como acadêmicos e futuros docentes, adquirindo experiências a partir da prática.

Conforme Noffs e Rodrigues (2017, p.1) no decorrer do PIBID os acadêmicos de licenciaturas “exercem atividades pedagógicas em escolas públicas de educação básica, buscando a integração entre teoria e prática, a aproximação entre universidades e escolas de modo a alcançar melhoria na qualidade da educação brasileira.” Realizamos diversas atividades na escola Porto Novo, sendo que somos encaminhadas de acordo com a necessidade dos professores, realizando atividades diferentes em alguns momentos.

Durante o desenvolvimento do programa Pibid, temos a oportunidade de observar e auxiliar na prática com um profissional já formado. Segundo Buriolla (2001, p. 17) participar do programa tem como objetivo oferecer ao aluno “a possibilidade de um campo de experiência, a vivência de uma situação social concreta supervisionada por um profissional [...] competente, que lhe permitirá uma revisão constante desta vivência e o questionamento de seus conhecimentos, habilidades”.

Para a formação docente é importante que exista a pesquisa, para que se investigue as práticas e analise e compreenda os conhecimentos adquiridos em sala de aula. De acordo com Noffs e Rodrigues (2017, p.1)

O Pibid, desse modo, reafirma a importância do caráter da pesquisa como processo fundamental da formação docente, contribuindo para a formação de professores que na problematização das práticas possam vir a refletir sobre sua ação, auxiliando na superação à visão técnica na qual os problemas se reduzem a cumprir metas do programa.

Segundo Barreiro e Gebran (2006, p.20) durante o período de participação no programa é importante, pois “a identidade do professor é constituída no decorrer do exercício da sua profissão, porém, é durante a formação inicial que serão sedimentados os pressupostos e as diretrizes presentes no curso formador, decisivos na construção da identidade docente”. Deste modo, ao participar do Pibid temos a oportunidade de iniciar a formação da nossa identidade como profissionais, com o auxílio de um profissional formado com o qual podemos nos inspirar.

Neste processo, desenvolvemos, também, a compreensão de uma realidade diferente da maioria das escolas: a saber, a educação em tempo integral. Assim temos a oportunidade de conhecer o modo como funciona este sistema, além de compreendermos como agem os alunos que permanecem oito horas diárias na escola.

Em consonância com Barreiro e Gebran (2006, p.21) “a formação inicial e o estágio devem pautar-se pela investigação da realidade, por uma prática intencional, de modo que as

ações sejam marcadas por processos reflexivos entre os professores-formadores e os futuros professores”. Podemos assim avaliar a prática docente e o nosso modo de pensar, adquirindo experiência em sala de aula.

Segundo Noffs e Rodrigues (2017, p.1) o PIBID ao inserir os estudantes de licenciaturas no conjunto escolar “traz a possibilidade do aprendizado da profissão no processo a partir de seu contato com a realidade imediata e a complexidade dos problemas que ele precisa enfrentar”. Assim, consegue-se compreender o funcionamento das escolas de ensino básico, além de observarmos o dia a dia dos professores e ver os conhecimentos teóricos colocados em prática.

No decorrer da prática diária observamos o cotidiano da escola, isso possibilita construir nossa identidade profissional, nos inspirando com a experiência e as práticas as quais observamos e auxiliamos. Assim teremos embasamento para o que futuramente iremos vivenciar em nossa profissão.

A partir de nossas vivências como pibidianas temos a oportunidade de unir a teoria aprendida em nossa formação acadêmica a prática em sala de aula. Por atuarmos em turmas dos anos iniciais do ensino fundamental conciliamos nossas vivências aos conhecimentos teóricos, podendo compreender melhor as fases do desenvolvimento humano, fases de alfabetização de forma prática.

2.2 OBSERVAÇÃO DE SALA DE AULA DA ALFABETIZAÇÃO

O desenvolvimento do programa ocorre através de atividades do PIBID na Escola Porto Novo, sendo que uma vez por semana acompanhamos as aulas do 1º ano do ensino fundamental observando o andamento das aulas na alfabetização. Ao acompanhar a professora do 1º ano observamos que sua prática está bem embasada teoricamente e no decorrer do artigo relataremos algumas práticas que acompanhamos e atividades desenvolvidas na nossa presença. No início do ano de 2017 observamos uma turma bem heterogênea, sendo que alguns alunos vieram da educação infantil sabendo ler e escrever bem, outros vieram com a leitura e escrita pouco desenvolvidas, outros conheciam apenas algumas letras e alguns não possuíam nenhum conhecimento sobre o alfabeto. Assim, a professora precisaria abordar todos os conteúdos de alfabetização para que os alunos que não eram alfabetizados iniciassem o processo de alfabetização e ao mesmo tempo precisava ensinar novos conhecimentos aos alunos que já sabiam ler e escrever.

Soares (2004, p. 3) aponta que a partir da

a perspectiva psicogenética da aprendizagem da língua escrita, divulgada entre nós, sobretudo pela obra e pela atuação formativa de Emilia Ferreiro, sob a denominação de “construtivismo”, trouxe uma significativa mudança de pressupostos e objetivos na área da alfabetização.

Observamos que a professora titular das turmas do primeiro ano utiliza fortemente a metodologia construtivista, possibilitando que as crianças construam os seus conhecimentos a partir de uma provocação inicial que instigue as crianças a conhecer mais. Soares (2004, p.3) destaca “que a criança constrói o conceito de língua escrita como um sistema de representação dos sons da fala por sinais gráficos, ou seja, o processo através do qual a criança torna-se alfabética;”

Durante nosso acompanhamento foi possível observar os diferentes níveis de alfabetização ocorrer. Observamos na prática os níveis Silábico, Silábico-alfabético e alfabético pois os alunos já haviam perpassado os níveis pré-silábico 1 e 2; Os níveis que abordaremos no artigo são propostos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

Moço (2009, p.1) destaca que Ferreiro e Teberosky lembram que “na tentativa de compreender o funcionamento da escrita, as crianças elaboram verdadeiras "teorias" explicativas que assim se desenvolvem: a pré-silábica, a silábica, a silábico-alfabética e a alfabética. São as chamadas hipóteses”. Com isso podemos trabalhar com maior facilidade com os alunos da alfabetização, analisando a hipótese na qual a criança se encontra e estudando formas para trabalhar com o aluno buscando a sua alfabetização.

Moço destaca também alguns pontos da hipótese pré-silábica, apontando que nesta fase os alunos ainda não compreendem que a escrita é a representação da fala, sendo que esta fase está dividida em dois níveis (2009, p.1)

No primeiro, as crianças procuram diferenciar o desenho da escrita, identificando o que é possível ler. Já no segundo nível, elas constroem dois princípios organizadores básicos que vão acompanhá-las por algum tempo durante o processo de alfabetização: o de que é preciso uma quantidade mínima de letras para que alguma coisa esteja escrita (em torno de três) e o de que haja uma variedade interna de caracteres para que se possa ler. Para escrever, a criança utiliza letras aleatórias (geralmente presentes em seu próprio nome) e sem uma quantidade definida.

Na turma que acompanhamos as crianças chegaram em níveis a partir do pré-silábico 2, visto que na educação infantil mantiveram algum contato, mesmo que breve, com as letras. Não mantivemos contato com nenhuma criança do nível pré-silábico 1, pois todos os alunos da

turma passaram pela pré escola o que fez com que tivessem contato com o alfabeto e assim conseguiram reconhecer ao menos algumas letras.

A criança se encontra na hipótese silábica quando compreende que a grafia é a representação da fala, sendo que neste período a criança atribui uma grafia para cada parte do que é falado. Moço (2009, p.1)

Essa etapa também pode ser dividida em dois níveis: no primeiro, chamado silábico sem valor sonoro, ela representa cada sílaba por uma única letra qualquer, sem relação com os sons que ela representa. No segundo, o silábico com valor sonoro, há um avanço e cada sílaba é representada por uma vogal ou consoante que expressa o seu som correspondente.

Ao entrar na hipótese silábico-alfabética a criança estará em uma fase de transição, no qual a criança está simultaneamente na fase silábica e na alfabética. Moço (2009, p.1) aponta que “ora ela escreve atribuindo a cada sílaba uma letra, ora representando as unidades sonoras menores, os fonemas. Quando a escrita representa cada fonema com uma letra, diz-se que a criança se encontra na hipótese alfabética.”

Percebemos que o processo de alfabetização vivido pelos alunos da escola Porto Novo os professores utilizam a prática de alfabetizar letrando, pois os alunos aprendem não apenas a ler e a escrever mas aprendem a função social da escrita. Sendo que segundo Soares (2004, p.2) “alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita” e “letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais”.

Para que as crianças aprendam é importante haver a contextualização do que está sendo ensinado, portanto é importante que ao se alfabetizar a criança compreenda a função social da escrita. De acordo com Soares (2004, p.1) “as condições em que mais adequadamente se desenvolve esse processo, revelando o papel fundamental de uma interação intensa e diversificada da criança com práticas e materiais reais de leitura e escrita a fim de que ocorra o processo de conceitualização da língua escrita.”

Além disso é importante trabalhar com o som das letras, pois a partir do momento em que os alunos percebem o som de cada letra conseguem fluir e aprender de forma independente. A professora explorou o som das letras de formas diversas buscando a fixação, sendo que assim as leituras conseguiram fluir de forma mais rápida, pois as crianças não precisaram aprender todas as famílias silábicas para compreender os sons das sílabas e das palavras.

Entendemos que a professora titular trabalha junto com os alunos, não sendo detentora do conhecimento e do processo de ensino, mas sim mediadora do processo instigando os alunos

a querer aprender. De acordo com Cagliari (2008, p.190) é importante “O professor simplesmente orienta para facilitar os trabalhos ou dar condições ideais de realização.” Ao instigar o aluno ao novo, o professor desperta a sua curiosidade e faz com que ele aprenda de forma autônoma.

Os alunos aprendem as tarefas a partir da realização das mesmas, portanto para que o aluno consiga compreender o que está sendo escrito precisa-se de atividades diferenciadas que auxiliem no processo de memorização. Cagliari (2008, p.190) a “Isso mostra que o mais comum numa sala de aula de alfabetização é ocorrência de atividades diferentes, realizadas por diferentes alunos, em grupos ou individualmente, todos escrevendo, mas cada um à sua tarefa”.

Aprendemos também durante o nosso trabalho a importância do erro, sendo que as tarefas realizadas de maneira incorreta não são apagadas para serem refeitas. São refeitas ao lado para que a criança compreenda que errou e quando olhar para o caderno veja que pode fazer de maneira correta. Em consonância com Cagliari (2008, p.257) “Os erros que uma criança comete são fruto de uma decisão errada que tomaram. Uma decisão é o resultado prático de um processo de reflexão sobre um determinado assunto”.

Sabemos que como seres humanos todos erramos; Sabe-se também que nem sempre estes erros são bem aceitos. Isso se inclui na alfabetização, no momento em que os professores se tentam negar a existência do erro e buscam a perfeição do aluno. Cagliari (2008, p.184) aponta que “Não basta dizer ao aluno que ele errou, que seu texto está todo desarticulado ou coisa semelhante. É preciso ensinar a ele como resolver essas dificuldades, como se autocorrigir, sem precisar do professor”. Portanto, de nada adianta corrigirmos o nosso aluno e não ensiná-lo a perceber os seus próprios erros.

Percebemos nitidamente durante as aulas com o primeiro ano a valorização do erro da criança, sendo que ao errar a professora instiga o aluno a refletir sobre o que poderia ser feito diferente para acertar. O aluno não apaga a sua tentativa errada, apenas corrige ao lado para que se perceba o processo de evolução até chegar ao desenvolvimento correto da atividade proposta. Pois o processo de aprender os alunos agem a partir da tentativa e o erro.

Em consonância com Cagliari (2008, p.248) “todos os acertos e erros das crianças trazem por trás desse hipóteses que levam a criança tomar determinada decisão e fazer algo de certo modo e não de outro”. Deste modo é importante buscarmos analisar o por que o aluno tomou determinada decisão, além de os erros nos mostram a forma como aluno conseguiu compreender determinado conteúdo. Além disso quando o aluno não apaga o que errou e apenas

refaz a atividade do lado consegue compreender a sua própria evolução percebendo como estava e como ficou.

Percebemos que ao auxiliar os alunos a perceber os seus próprios erros a professora está realizando um ato grandioso, pois faz com que elas se tornem autônomas e consigam aprender a partir de seus próprios erros. Além de que com isso os alunos evoluem significativamente e conseguem produzir conhecimentos de forma independente.

2.2 ACOMPANHAMENTO DAS ATIVIDADES

A partir do acompanhamento das aulas do primeiro ano observamos atividades de criação de textos, apresentação de leituras em voz alta para os colegas e outras atividades diversas. Os textos podem ser criados de forma espontânea, incentivando os alunos a se tornarem escritores e sentir prazer ao realizar escritas próprias. Sendo que ao entrarem na escola para se alfabetizar os alunos tem maior facilidade em compreender textos do que palavras isoladas, pois com isso o professor compreende a função da escrita (CAGLIARI, 2008).

As atividades são pensadas com o objetivo de conceitualizar a língua escrita pela criança, buscando auxiliar o aluno a compreender a função da escrita. Conforme Soares (2004, p.1) as “práticas de leitura e de escrita como meio para provocar e motivar esse processo têm subestimado, na prática escolar da aprendizagem inicial da língua escrita, o ensino sistemático das relações entre a fala e a escrita, de que se ocupa a alfabetização”.

Ao longo das aulas são desenvolvidas diversas produções escritas. Conforme Cagliari (2008, p.190) importante para os alunos “produzirem os mais variados tipos de material escrito, desde textos curtos e simples, até textos longos e pequenos livros. Aprende-se a escrever, escrevendo e quanto mais os alunos escrevem, mais e melhor aprenderão”.

Compreendemos então que ao possibilitar aos alunos a escrita de diferentes matérias estamos propiciando a eles uma aprendizagem mais concreta. Com isso o aluno aprenderá de forma mais significativa, conciliando a sua vivência fora da sala de aula com o conteúdo que está sendo escrito. A professora direciona as atividades de diversas maneiras, sendo que em determinados dias direciona a atividade a produção da versão das crianças sobre alguma história já existente. Em outros momentos possibilita aos alunos a produção de matérias próprios, criando as suas próprias histórias. Assim intercala também os gêneros textuais, produzindo histórias e também outros materiais escritos.

Os materiais escritos pelos alunos são extremamente valorizados, pois é a partir da análise destes materiais que descobrimos até qual parte da produção escrita o alunos consegue produzir de forma autônoma e de que modo podemos aperfeiçoar isso. Buscando a partir dessas produções textuais trabalhar as regras ortográficas, pontuação, parágrafo. Assim os alunos aprendem a partir de suas próprias produções e constroem conhecimentos através de seus erros.

Cagliari (2008, p.175) afirma que “os alunos precisam ser incentivados a ler todo tipo de material, quer com relação à forma gráfica, quer controlar são os vários tipos de textos”. Ao longo das aulas acompanhadas podemos visualizar que a professora titular incentiva as crianças a ter gosto pela leitura, proporcionando aos alunos a leitura de diversos tipos de textos.

As atividades escritas podem ocorrer de diversas formas, sendo que quando ainda estavam no processo inicial da escrita a professora disponibilizava fichas com as letras e partir disso os alunos iam montando palavras e frases para em seguida escreve-las no caderno. Ela desenvolvia a escrita dessa maneira para que os alunos desenvolvessem com maior facilidade o processo da escrita.

No decorrer do ano a professora iniciou um processo diferente de produção de texto. Neste momento a professora já disponibilizava temas para os alunos, para que a partir disso discorressem a sua concepção do determinado tema. Os alunos produziam os textos de forma autônoma mas mesmo assim recebiam o auxílio da professora, que buscava passar pelas mesas e observar as produções e intervir caso fosse necessário.

No momento atual os alunos já estão em um processo bastante avançado de produções escritas, portanto a exigência sobre essas atividades está gradativamente aumentando. Os alunos que antes produziam pequenos parágrafos já possuem a capacidade de discorrer uma página ou até mais sobre os temas propostos. Uma das atividades acompanhadas durante a nossa permanência na sala do primeiro ano é a do “leitor do dia”. Nesta atividade a professora repassa toda semana um texto, dos diversos gêneros textuais, para que ao longo da semana os alunos apresentem a sua leitura frente aos colegas. O leitor do dia é escolhido de acordo com os ajudantes, pois cada dia da semana tem ajudantes fixos que auxiliam em atividades simples.

Inicialmente a atividade do “leitor do dia” era realizada com fichas de leitura, sendo que os alunos liam está ficha em casa junto com os pais. Os alunos são avaliados pelos próprios colegas, recebendo “parabéns, bom, muito bom, ótimo e precisa melhorar”. Com isso os alunos se desafiam a avaliar o colega de forma justa e se prepararam para falar em público.

O exercício de oratória realizado com esta atividade é bastante interessante, pois ao mesmo tempo em que os alunos desenvolvem a sua leitura com o treino em casa, desenvolvem

também a criticidade pois avaliam de forma justa os colegas observando também o esforço dedicado para ler daquela maneira. Com isso os alunos se aperfeiçoam, construindo uma boa desenvoltura frente a um pequeno público.

No decorrer do ano os textos foram ficando um pouco mais elaborados, sendo que a professora os distribuía de acordo com os conhecimentos linguísticos já adquiridos por eles. Buscando ser justa, trazendo textos mais difíceis para alunos com mais facilidades e textos um pouco mais simples para alunos com algumas dificuldades. Assim em seu próprio ritmo os alunos vão se desenvolvendo, cada um com o seu tempo.

Com esta atividade os alunos treinam a sua oratória, se acostumam a falar em frente ao público, desenvolvem habilidades de leitura. Cagliari (2008, p.312-313) aponta que “quando lê, uma pessoa precisa, em primeiro lugar, arranjar ideias na mente para montar a estrutura linguística do que vai dizer em voz alta ou simplesmente passar para sua reflexão pessoal ou pensamento”.

Deste modo, quando a criança lê em frente aos colegas consegue compreender o que estão lendo e quando questionadas precisam buscar formas de responder de forma correta. Desenvolvendo também a sua linguagem oral, evoluindo a sua postura ao falar em público e aprimorar a sua oratória pois quanto antes se inicia as apresentações em público melhor será a desenvoltura dos alunos no decorrer do tempo.

Os alunos são avaliados de maneira contínua, não existindo apenas uma avaliação que compõem a nota. Hoffmann (2007, p. 28) aponta que “Não há como se falar em ação avaliativa, enquanto acompanhamento e mediação que não aconteça no cotidiano da ação educativa e que não absorva a dinâmica da construção do conhecimento”.

Assim a professora conhece cada um de seus alunos, avaliando principalmente o processo evolutivo de cada aluno. Ela observa o ponto inicial do aluno e até qual nível ele chegou. Observado também o esforço realizado pelo aluno, pois como cada ser humano é único observar apenas os conhecimentos de cada um seria injusto. Desta forma cada aluno é avaliado de forma integral, analisando o processo de aprendizagem e o esforço e dedicação do aluno.

Percebemos que os alunos evoluíram significativamente no decorrer do ano, sendo que cada um de acordo com o seu próprio ritmo conseguiu aprender a ler e escrever. Além de que conseguiram se alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, não aprendendo apenas a codificar e decodificar, conseguindo compreender a função social da escrita. Visto que assim conseguem continuar aprendendo de forma autônoma, pois compreendem os textos que estão lendo e desta forma possuem a possibilidade de evoluir.

As atividades diferenciadas realizadas são importantes para a evolução das crianças, pois elas não se sentem entediadas e conseguem sentir prazer em aprender. Desta forma a aprendizagem se torna significativa e deixa marcas positivas nos alunos. Assim conseguem se sentir realizados em sala de aula e as aulas se tornam alegres e os alunos conseguem continuar a sua aprendizagem.

3 CONCLUSÃO

A formação docente, vista como prática pedagógica e social, busca produzir projetos e desenvolver ações que contribuem para as necessidades das escolas. Neste contexto o Pibid nos proporciona a oportunidade de nos aproximar da escola e perceber o que podemos auxiliar para o processo escolar. Conciliando a teoria vista durante o nosso processo de formação com a prática vivenciada nas escolas.

Analizamos também algumas práticas vivências nas turmas do primeiro ano, buscando autores que nos auxiliam na compreensão do objetivo de atividades as quais acompanhamos. Além de compreendermos como funciona o processo de alfabetização e a importância de valorizarmos os erros das crianças.

Como bolsistas do Pibid conseguimos evoluir consideravelmente, adquirindo novas experiências e evoluindo como profissionais. Aprendemos no decorrer das aulas a nos relacionar com os alunos, aperfeiçoando nossa oratória e nossa segurança em sala. Compreendemos as fases passadas pelas crianças durante a alfabetização de forma prática a partir das vivências, conseqüentemente conseguindo relacionar a teoria aprendida na formação acadêmica.

Este artigo contribui na formação acadêmica trazendo autores que falam sobre a alfabetização juntamente com os relatos da prática em sala de aula. Deste modo consegue-se compreender com maior facilidade o processo da alfabetização, além de podermos observar práticas que deram certo com turmas da alfabetização e utilizá-las em momentos oportunos, sendo em estágios obrigatórios ou em práticas docentes.

REFERÊNCIAS

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp. 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. Tradução Sara Cunha Lima, Marisa do Nascimento Paro. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MOÇO, Anderson. **Diagnóstico na alfabetização para conhecer a nova turma**. 2009. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/2489/diagnostico-naalfabetizacao-paraconhecer-a-nova-turma>> Visto em: 02/10/2017.

NOFFS, Neide de Aquino; RODRIGUES, Regina Célia Cola. **A formação docente: PIBID e o estágio curricular supervisionado**. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/26851/19384>> Visto em: 01/10/2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos**. 2004. Disponível em: < <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>> Visto em: 02/10/2017.